

# CULTURA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO JORNAL *A EVOLUÇÃO* DA CIDADE DO RIO GRANDE DURANTE A DÉCADA DE 1930

CARMEM G. BURGERT SCHIAVON<sup>\*</sup>  
JANAINA SCHAUN SBABO<sup>\*\*</sup>

## RESUMO

Este texto observa a atuação do jornal *A Evolução* como representante dos interesses da classe operária rio-grandina, destacando a forma de organização dos trabalhadores durante a década de 1930. Para compreender a forma como se configurava a militância dos trabalhadores na cidade, as fontes utilizadas são de perfil impresso, sendo o jornal *A Evolução* a principal, já que se trata do nosso objeto de análise; o mesmo pertencia à Sociedade União Operária do Rio Grande (SUO), a qual apresentou uma trajetória de representação da classe trabalhadora no referido Município. Tem como data de fundação o 1º de maio de 1934, momento em que se comemoravam os 40 anos da SUO; a partir deste momento, a folha se faz presente na sociedade rio-grandina até o ano de 1937, com uma interrupção no ano de 1936, estando censurada e suas atividades suspensas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Trabalho; Imprensa; *A Evolução*.

## ABSTRACT

This text view the actuation of the newspaper *A Evolução* like a representative of the worker's interests of Rio Grande do Sul, highlighting the organization form of the workers during the decade of 1930. In order to understand how the militancy of the workers in the city was configured, the sources used are of printed profile, being the journal *A Evolução* the main one, since it is our object of analysis. It belonged to the *Sociedade União Operária do Rio Grande* (SUO), which presented a trajectory of representation of the working class in

---

<sup>\*</sup> Professora do Instituto de Ciência Humanas e da Informação (ICHI) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Coordenadora do Centro de Documentação Histórica da FURG. E-mail: cgbschiavon@yahoo.com.br

<sup>\*\*</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: janainasbabo@yahoo.com.br

the mentioned Municipality. Its date of foundation was May 1<sup>st</sup>, 1934, when the 40<sup>th</sup> anniversary of SUO was celebrated; from this moment the journal is present in the society of Rio Grande until the year 1937, whit an interruption in the year of 1936, being censured and its activities suspended.

**KEYWORDS:** History of Work; Press; *A Evolução*.

## **INTRODUÇÃO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DO TRABALHO**

O tema relativo ao papel da imprensa operária na sociedade brasileira – durante as primeiras décadas do século XX – tem sido estudado com o propósito de compreendermos os meios observados pelos trabalhadores como forma de resistência, indicando as suas relações e organizações, no intuito de buscarmos um melhor entendimento sobre a construção da classe operária no Brasil.

Sendo assim, diversas pesquisas contemplam a temática da história do trabalho com o objetivo de propor novos questionamentos para antigos temas, explorar novos objetos de pesquisa, bem como propor novos horizontes de análise.

A literatura sobre a classe trabalhadora sempre esteve acompanhada por amplos debates teóricos e metodológicos, e isto é perceptível tanto nas produções europeias como em estudos brasileiros. Dessa forma, o conceito de "experiência de classe", bem como a utilização do termo "classe" encontram-se entre as discussões propostas por alguns pesquisadores que estão direcionando uma nova dimensão a estes conceitos. Assim, ressaltamos trabalhos como os de E. P. Thompson, na análise desenvolvida em *A formação da classe operária inglesa*, com primeira edição no ano de 1967. No seu primeiro volume – *A árvore da liberdade* –, o autor apresenta o conceito de experiência como ponto inicial para a formação da consciência de classe, tendo em vista a relação dos indivíduos nos meios de produção, assim como as suas manifestações em âmbito cultural. Para Thompson, a experiência aparece como:

[...] determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas tradições e nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos pregar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma (THOMPSON, 1987, p. 10).

Dentro deste contexto, a classe só é definida uma vez que situamos o homem no tempo, verificando a sua posição na estrutura social. Para tanto, Thompson centraliza seu estudo nas tradições populares presentes no século XVIII, na Inglaterra; sobretudo, ao problematizar a resistência ao trabalho assalariado e aos novos padrões que estavam sendo instaurados, uma vez que o exercício do trabalho artesanal se encontrava solidificado entre os costumes da população.

Na Inglaterra, entre os anos de 1780 e 1832, ocorreu a organização do movimento trabalhista, por meio da implementação dos primeiros espaços responsáveis por promoverem discussões em torno dos interesses dos trabalhadores, como as sociedades de auxílio mútuo, as entidades religiosas e educacionais e os periódicos.

No segundo volume – *A maldição de Adão* – além de abordar questões que repercutiam nas experiências de vida dos trabalhadores, o autor retoma o debate apresentado no volume I, ao destacar que a formação da classe operária não se deu de forma espontânea e baseando-se unicamente em questões econômicas, mas que se tratava de um processo, relacionando o sistema produtivo com a história política e cultural do espaço analisado. Para Thompson:

O crescimento do auto respeito e da consciência política foi um avanço real da Revolução Industrial, tendo eliminado algumas formas de superstição e de diferenças, tornando intoleráveis certos instrumentos de opressão. Podemos encontrar uma evidência do sólido desenvolvimento do caráter de reciprocidade na força e no orgulho cerimonial dos sindicatos e das associações de ofício, que emergiram da semilegalidade quando os Decretos sobre as associações foram revogadas (THOMPSON, 1988, p. 318).

Neste processo de amadurecimento da consciência de classe entre os trabalhadores de diversas profissões, o enrijecimento do proletariado enquanto força política torna-se evidente, a ponto de a Inglaterra de 1780, contar com a existência dos periódicos trazendo publicações acerca dos debates realizados sobre o movimento sindical e socialista. Em seu terceiro volume – *A força dos trabalhadores* –, Thompson aponta que o movimento operário contou com o auxílio de representantes da classe, os quais sustentavam o movimento através da leitura dos periódicos aos militantes analfabetos.

Ao contribuir para uma análise sobre a história social inglesa e apresentar a relação entre a estrutura cultural e o materialismo histórico, os estudos de Thompson colaboram com a presente análise na medida em que observam a construção da consciência de classe marcada pela instituição de um formato de sistema produtivo, evidenciando o surgimento de novas formas de relações sociais e salientando a organização de entidades e a instrução desempenhada por meio dos jornais, como formas de resistência frente às imposições do sistema fabril.

Outro ponto a ser problematizado, no que tange ao “controle” social, sobretudo no caso do movimento operário, é a capacidade dos grupos reagirem contra qualquer forma de dominação. No caso dos trabalhadores rio-grandinos, durante a década de 1930, este “controle” esteve presente em vários momentos, sendo ele exercido pela mão do Estado.

Entre os pesquisadores que possuem o objetivo de compreender os mecanismos de manifestações culturais da classe trabalhadora, os núcleos sindicais e as organizações partidárias deixavam de receber atenção exclusiva, visto que os trabalhadores compartilhavam as suas experiências de outras formas – além dessas –, como por meio dos periódicos que eram lançados, muitas vezes, sob a responsabilidade destas associações recreativas, dançantes e esportivas, que dividiam espaço com as mutualistas e políticas.

A história do trabalho recebeu a incorporação de temas que passaram a contribuir para o alargamento das análises referentes à consciência de classe. O historiador Cláudio Batalha, em seu artigo *Os desafios atuais da História do Trabalho* (2006), refere-se a esta questão ao apresentar possibilidades de abordagens referentes à consciência no movimento operário, sinalizando o crescimento das produções acadêmicas em diferentes regiões do País e apresentando um histórico sobre as produções ligadas ao tema, bem como novos caminhos para pensarmos a classe trabalhadora. Nesta perspectiva, Batalha ressalta que:

Mostrando-se cada vez mais sensível a outros recortes além do de classe, tais como gênero, raça – etnia, a história do trabalho nos últimos anos ao invés de contrapor esses diversos recortes, tenta integrá-los. Os temas tratados pela história do trabalho já não privilegiam esse ou aquele aspecto, tendem a ter mais atenção com a diferença e a complexidade da realidade (BATALHA, 2006, p. 89).

O mesmo autor, juntamente com Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes, organizou em 2004, a obra *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*, uma coletânea de artigos que apresenta um panorama histórico sobre a "cultura operária", no cenário nacional e internacional, sinalizando que a quantidade de organizações de trabalhadores tornava-se visível à medida que o movimento detinha certa ascensão, sobretudo, em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, as quais apresentavam um grande número de trabalhadores que começavam a interagir por meio das associações, organizando ações de resistências, fortalecendo neste processo, o sentimento de classe (BATALHA; SILVA; FORTES, 2004, p. 172).

É devido a este perfil de luta empreendida pela classe trabalhadora nestes espaços urbanos que as greves recebem destaque em muitos dos estudos mais recentes, dividindo espaço com discussões relacionadas à experiência e à formação da consciência de classe. Nesta perspectiva, Marcelo Badaró Mattos em *Escravidos e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca* (2008), destaca que:

[...] as greves revelam personagens e atitudes sepultadas pelo cotidiano do trabalho e da cidade. Ainda que momentâneas, essas revelações podem acrescentar muito aos que se interessam não apenas pelas greves, mas pela dinâmica da formação da classe e de seus conflitos (MATTOS, 2008, p. 143).

Estas relações de lutas de classes devem ser averiguadas também, considerando a ligação existente entre o Estado, promotor de certa regularização social, e o poder que o mesmo possui, certificando-se assim do "controle" presente no interior do modo de produção capitalista, o qual apresenta como consequência a formação de luta de classes por parte dos trabalhadores, perante as péssimas condições de trabalho e sobrevivência que fazem parte de sua realidade. Tal entendimento nos faz compreender que os jornais operários, por meio de seus redatores, atuam com a finalidade de incentivar a luta da classe trabalhadora perante as ações de repressão presenciadas durante a década de 1930, inclusive, na cidade do Rio Grande/RS.

Ao caracterizar as cidades de Pelotas/RS e Rio Grande/RS como centros responsáveis por abarcar o processo de industrialização no Estado, no início da República, e indicá-las como regiões que possuíam representação classista, Loner em sua tese,

*Classe operária: organização e mobilização em Pelotas, 1888-1937* (1999), atribui um papel importante às mobilizações e associações; demonstrando como ocorreu, nestes dois municípios, a adesão ao novo sistema de sindicalização desenvolvido no decorrer da década de 1930.

Neste sentido, Loner (1999) destaca que a busca por melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora não deixou de existir durante a década de 1930, mesmo sendo ações que dividiam espaço com o aparato repressivo presente na relação Estado/entidades representativas. Diante desta conjuntura, muitos trabalhadores envolviam-se pelas promessas varguistas, filiando-se em sindicatos e seguindo a regularização do governo, ou seja, respeitando as leis trabalhistas vigentes.

Nesta pesquisa, observamos Rio Grande como um campo caracterizado por inúmeras disputas políticas, dividindo a cidade segundo as diferentes correntes ideológicas que marcaram os conflitos ali presentes. Isto ocorre a partir do momento em que as atividades econômicas ocasionaram o crescimento demográfico e, conjuntamente, o surgimento de algumas formas de organizações utilizadas pelo trabalhador urbano, sobretudo, em 1930, período delimitado para esta análise.

## **O JORNAL A EVOLUÇÃO E SUA ATUAÇÃO NA CIDADE DO RIO GRANDE**

O direito de greve dos trabalhadores, as assembleias sindicais que ocorriam na cidade e as manifestações contra a carestia, são registros encontrados nas páginas do jornal *A Evolução* da cidade do Rio Grande/RS, os quais dividiam espaço com as diferentes formas de organização política, que se fazia presente no cenário mundial, nacional e local.

A imprensa é, normalmente, instrumento de um grupo que possui aspectos específicos, sendo necessário conhecermos determinadas características relacionadas à publicação do periódico (LUCA, 2006, p.140) para que possamos identificar as suas relações diárias e os interesses envolvidos. Diante disso, a metodologia aplicada na análise da fonte jornalística aqui estudada, passou por pelo menos dois eixos, um dos quais é a concepção da imprensa como fonte histórica, o que pressupõe a contextualização histórica do documento, bem como a compreensão da sua postura no tratamento de determinados assuntos. E, posteriormente, a realização do processo de seleção dos periódicos que iriam auxiliar

na observação da relação entre Estado e trabalhadores, tendo em vista o histórico dos jornais, os seus posicionamentos e a intensidade de sua circulação na cidade.

[...] a imprensa, e, em especial, a imprensa operária, foi instituída, pela própria configuração assumida por este lugar de produção historiográfica, como a principal fonte para o estudo da história operária gaúcha, o que permitiu a compreensão de inúmeros aspectos da atuação dessa classe, mas também impôs sérios limites às interpretações [...] (SCHMIDT, 2011. p. 155).

Durante a análise do jornal *A Evolução*, localizamos um número total de 107 edições disponíveis para estudo, a partir de 1934 até o ano de 1937. Neste último ano, é divulgado pelo grupo editor a interrupção na publicação do periódico, afirmando que isto decorre por motivos alheios à vontade da Direção. Deste total, 27 compreendem o primeiro ano de circulação; 45 referentes ao ano de 1935; 27 ao ano de 1936 e fechando, em 1937, com 8 números. Desses, 107 números que objetivam o fortalecimento da classe, 25 apresentam discussões em torno do perfil de autonomia política atribuída aos trabalhadores; 17 abordam a luta das associações classistas pela causa operária ao protegerem-se das mistificações integralistas; e 11 enfatizam a luta pela justiça social por grupos localizados em diversas regiões do País, atribuindo destaque a uma das orientações ideológicas predominantes no momento – o comunismo – tema debatido no período, tanto pela imprensa operária como também pelos jornais de cunho comercial.

Estes dados apresentam relação com o momento político que se encontrava no País, período em que ocorria a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), além da formação de uma peça fundamental para este sistema de regulação social, como é o caso das Juntas de Conciliação e Julgamento. Em outras palavras, entrava em cena a tentativa de controle sobre o movimento operário nacional, considerado um evento político e normativo importante, que direcionava o contorno da ação disciplinadora do Estado (FAUSTO, 2009).

Ao longo do contato com a fonte deste estudo, foi possível observarmos manifestações do jornal quanto ao seu perfil ideológico não definido claramente, mas preocupado com a formação de "consciências livres" e objetivando o fortalecimento da classe. Provavelmente, tal posicionamento se justifique com a repressão que se abatia sobre os comunistas no Brasil.

A prática de incentivar a fundação de jornais, vinculados de alguma forma a entidades representativas dos trabalhadores, pode ser percebida nos dois títulos organizados, neste caso, em Rio Grande, pela Sociedade União Operária. O *Echo Operário*, com circulação de 1896 a 1899, apresentando uma segunda fase, em 1901, e o próprio *A Evolução*, editado entre 1934 e 1937, com interrupção em 1936. Acreditamos que os jornais foram um dos elementos fundamentais para que os trabalhadores da cidade do Rio Grande compartilhassem experiências, buscando conquistar os seus direitos.

De acordo com a acepção gramsciana, o mencionado periódico seria o instrumento responsável por difundir determinados tipos de cultura, orientado de maneira orgânica por dado grupo social, o qual é responsável pelo direcionamento das manifestações realizadas através deste veículo de informação (GRAMSCI, 1984). Assim, pretendemos demonstrar que mesmo com o “controle” sobre as manifestações da imprensa operária – a qual se postava a favor dos direitos dos trabalhadores –, continuou ocorrendo a promoção de estratégias de militância que acendiam um sentimento de pertencimento à classe. Estratégias que, sobretudo na década de 1930, foram construídas segundo o discurso de valorização do trabalho.

O recorte temporal deste estudo tem início em 1934, período em que o posicionamento político-partidário das instituições sindicais apresentava dificuldades, devido à proibição imposta pelas leis sindicais, além de ser o momento do início das atividades do jornal *A Evolução*, e finalizamos no ano de 1937, quando cessa a circulação do periódico.

Aqui, buscamos tratar da trajetória de uma folha operária, no período marcado pela promulgação de leis intervencionistas, analisando sua atuação como porta-voz dos interesses da classe operária rio-grandina, em defesa dos direitos dos trabalhadores, observando a posição do semanário frente às ideologias políticas que se faziam presentes durante a década de 1930.

Ao falarmos sobre a função do jornal, não podemos perder de vista as atividades desempenhadas pelos trabalhadores, no que se refere à tarefa de selecionar, organizar, produzir e publicar os temas que eram de seu interesse e/ou de seu público, atuando como o que Gramsci denomina de "intelectuais orgânicos", em *Os intelectuais e a organização da cultura* (1991), uma vez que expressam as vontades do grupo ao qual fazem parte. Para Gramsci, o "intelectual orgânico" é caracterizado como educador e dirigente político, desempenhando tais funções, tanto no plano econômico como



político, haja vista se tratar da formação de um consenso entre a classe subalterna em direção ao grupo dominante. Para que cada segmento social tenha consciência da sua própria função, ele identifica a questão histórica, o papel político, o significado da organicidade e o perfil de vínculo com uma classe, como questões que definem esta categoria de intelectualidade, a qual utiliza-se de espaços de manifestações, visando a resolução de adversidades.

Seguindo, ainda, a perspectiva gramsciniana, analisamos o periódico *A Evolução* de acordo com a tarefa de abrigar as expectativas comuns entre os trabalhadores, as quais são expressas pelo jornal que desempenha funções semelhantes a de um "partido", conferindo o sentido universal de classe operária. Desse modo, devido ao seu caráter "institucional" e a presença de um grupo envolvido com a sua organização, o observamos com esta funcionalidade política, apresentando como objetivo central, neste caso, a defesa dos direitos dos operários na cidade do Rio Grande. José Antônio dos Santos, na obra *Raiou a alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*, ao estudar o jornal *A Alvorada*, fundado por operários negros em Pelotas, no ano de 1907, destaca que tais operários são considerados, segundo o conceito de Gramsci (1991), "intelectuais orgânicos", pois estariam atuando como intérpretes da vontade coletiva (SANTOS, 2003, p. 37).

Entendemos que, de certa forma, o periódico *A Evolução* queria também atuar como intérprete da classe trabalhadora, organizando-a e preparando-a para a futura tomada do poder no bojo da revolução socialista que pretendiam realizar no País.

A representação dos trabalhadores através da imprensa não ocorreu somente no *A Evolução*, na cidade do Rio Grande, pois os grupos militantes fundaram jornais em várias partes do País. Neste contexto, os impressos costumavam se apresentar como forma de expressão da classe trabalhadora.

Estes dados nos revelam a importância da imprensa para a classe operária. Tendo consciência disto, a Sociedade União Operária (SUO), iniciou o processo de editoração do jornal *A Evolução*, no dia 01 de maio de 1934; em um primeiro momento, com a colaboração da Frente Sindicalista de Rio Grande (FSRG), por serem as duas entidades representativas do operariado no Município. A primeira associação se manteve atuante no período de 1893 a 1964, e possuía uma força de representação reconhecida no Estado. Já, a Frente Sindicalista, fundada em 1932, congregava um acentuado número de organizações sindicais da cidade, aspecto este responsável pela sua consolidação, como também pelo seu declínio.

O Conselho Deliberativo da SUO<sup>1</sup>, já em 1934, acusava a FSRG de não se fazer presente em reuniões que teriam sido convocadas. Da mesma forma, o próprio jornal anunciava o seu chamamento sem haver o comparecimento dos que a representavam, conforme podemos ver abaixo:

A Frente Sindicalista local convida a todos os membros que a compõem a se reunirem em sessão extraordinária, quarta-feira 13 do corrente, às 20 horas, na sede da S. União Operária. Havendo assuntos de máxima importância a serem resolvidos, espera o seu atual presidente o comparecimento de todos (*A Evolução*, 10/06/1934).

Após a assembleia do dia 13, o grupo editor do periódico *A Evolução* passa a ser composto, unicamente pela União Operária. Entre algumas características sobre a sua circulação, destacamos que a folha era publicada semanalmente, aos domingos, tendo como local de redação a sede da SUO, localizada na rua Jatahy, nº 297, em Rio Grande. A assinatura variava entre anual, semestral, trimestral, mensal e avulso<sup>2</sup>.

Desde o momento que foi criado, o jornal apresentava com o objetivo de estabelecer a igualdade sobre todos os princípios, enfatizando que se tratava de um legítimo "representante das classes trabalhadoras", adotando como lema "Formar consciência livre". Diante de tais posicionamentos, que evidenciam a ligação do periódico com o público alvo – os trabalhadores –, percebemos que o jornal se reconhecia enquanto porta-voz dos trabalhadores, sinalizando as principais reivindicações da classe.

Contando com a presença de Gervásio Dias no cargo de gerente de edição, o qual desempenhava as funções de primeiro secretário na equipe diretiva da União Operária e a de presidente do Sindicato dos Operários Gráficos e Classes Anexas, a folha foi inserida no cotidiano da classe operária durante a solenidade de comemoração do 1º de maio de 1934, dia em que a SUO completava o seu quadragésimo aniversário.

O jornal divulgava as péssimas condições de moradia em que se encontravam os trabalhadores, inclusive, daqueles que residiam na área urbana há mais tempo, ao redor das fábricas. Além da falta

---

<sup>1</sup> Ata da Frente Sindicalista de Rio Grande, Assembleia de 19 de janeiro de 1934. Localização: acervo da União Operária, Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande (CDH-FURG).

<sup>2</sup> Ata da SUO, Assembleia 42, do dia 30 de junho de 1932 (CDH-FURG).

de estrutura das habitações, em Rio Grande, os trabalhadores ainda enfrentavam dificuldades na sua locomoção no interior da cidade, a qual era feita através do único serviço público de transporte disponível aos operários na época, o bonde<sup>3</sup>.

Nem todos os operários tinham condições para utilizar sapatos, mesmo fora do trabalho e, por isso, embarcavam nos bondes uns de chinelos e outros de tamancos. Diante disso, surgiu um impedimento, os trabalhadores que calçavam chinelos ou tamancos estavam sendo proibidos de sentarem-se nos bancos dos bondes<sup>4</sup>.

Outro efeito das más condições de vida dos trabalhadores divulgado pelo semanário, era o crescente número de crianças morando na rua. Em Rio Grande, os menores eram encontrados vagando pelos bares, cafés, praças ou ao redor do Mercado Público. Dormindo ao relento quando não estava chovendo, ou abrigando-se no interior de canos, canoas velhas e sucatas do Porto quando chovia<sup>5</sup>.

Se grande era o número de crianças morando na rua, não era menor a quantidade de meninos e meninas submetidos a um regime de trabalho em fábricas, casas de comércio e oficinas da cidade<sup>6</sup>. Com um salário reduzido, que mal dava para pagar a sua alimentação, desenvolviam atividades que estava em desacordo com as suas condições físicas, durante um grande período de horas. Notícias como estas eram recorrentes nas páginas do periódico *A Evolução*.

Acreditamos que não devia ser fácil manter em circulação um jornal operário. Os recursos eram escassos, e conseguir algum patrocínio era muito difícil. No entanto, mesmo com as dificuldades advindas do processo de confecção dos jornais destinados à classe operária, os diretores e colaboradores procuravam mantê-los em circulação e o periódico *A Evolução* fazia isso por meio dos pedidos de colaboração aos operários em suas páginas, como constatamos abaixo:

**TRABALHADOR!**

Queres o progresso do teu jornal? Desejas engrandecer a tua classe com a publicação de uma folha genuinamente proletária?

Poderá ter vida longa um jornal sem recursos materiais sem

---

<sup>3</sup> *A Evolução*, 17 de maio de 1936.

<sup>4</sup> *A Evolução*, 10 de maio de 1936 (CDH-FURG).

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> *A Evolução*, 28 de junho de 1936 (CDH-FURG).

depender da boa vontade da classe trabalhadora?

É claro que não.

Ajudarás muito a nossa e a tua causa apenas com isto: Conseguindo mais uma assinatura para o *A Evolução* (*A Evolução*, 08/07/1934).

Nesse sentido, muitos textos foram produzidos visando mostrar ao público-alvo, o trabalhador, a importância de se ter um instrumento de imprensa que se posicionasse em seu favor e que defendesse questões relacionadas às suas necessidades. Portanto, a orientação no sentido de externar a importância de um órgão exclusivo do trabalhador rio-grandino estava presente nas edições do *A Evolução*.

Parece-nos relevante, também, destacar o fato de que a produção do jornal se dava na tipografia de uma agremiação sindical da cidade, a SUO, em um momento em que a entidade passava por um processo de revitalização, retomando a sua posição enquanto principal representante dos trabalhadores na cidade.

Ao longo de todo o período, o periódico *A Evolução* manteve o mesmo *layout*, com quatro páginas com diversas colunas, sendo que a quarta página estava reservada para temas de âmbito nacional e/ou internacional. Ao contrário do que ocorria em suas edições especiais, a do dia 1º de maio, era integralmente destinada à veiculação de artigos, notícias, folhetins e eventualmente algum poema. Além disso, as propagandas e anúncios de perfil comercial não se encontram no periódico *A Evolução*.

A atuação do semanário como suporte para a ação política não só dos gráficos rio-grandinos mas, também, dos operários da cidade é observada ao longo de todo o jornal. As referências são inúmeras, desde as mais sutis, até as mais explícitas.

Do ponto de vista político, o jornal se colocava como um instrumento de conscientização, mobilização e luta dos trabalhadores. Em suas páginas há denúncias sobre as condições de trabalho (jornada de trabalho extensa, falta de segurança nos locais de trabalho e demissões arbitrárias, por exemplo), condições de vida (carestia dos gêneros alimentícios, aluguel, estado sanitário e escolarização, etc.), além de abordar a questão da opressão patronal e a exclusão social.

Dessa forma, a estratégia defendida pelo jornal, capaz de assegurar melhores condições de vida para os trabalhadores da cidade, era a organização dos próprios trabalhadores, pois este era um importante mecanismo para a luta social e política, como verificamos a seguir:

Cumpra, pois, ao trabalhador unir-se coeso, em torno do sindicato para reagir contra as protelações e novos métodos de exploração que sem dúvida irão surgir. Entre as inúmeras classes que não possuem um órgão de classe que lhe possa defender os interesses, se acha a classe dos operários das fábricas de biscoitos e conservas que é bem numerosa pelo elevado número de operários que empregam a atividade neste ramo industrial (*A Evolução*, 26/01/1936).

Os discursos relacionados à importância da organização em torno de sociedades operárias eram constantes nas edições do jornal; sobretudo, na coluna intitulada *Movimento Sindical*, responsável por trazer informações acerca dos sindicatos de categorias ou mesmo das centrais sindicais da cidade. Nesta coluna, é comum o jornal apontar as dificuldades advindas do processo de enfrentamento contra as “imposições” e os “desmandos” do patronato e do Estado, caso o trabalhador não estivesse filiado a uma entidade representativa.

O discurso presente no jornal se localiza no contraponto ao universo patronal e a outras formas de poder constituído; o que nos faz compreender que havia no jornal *A Evolução* a presença de certa conscientização e pertencimento à classe trabalhadora.

Outra característica presente no jornal são os textos chamados de *Apelos*, são aqueles que se caracterizam por terem um discurso dirigido ao leitor, ou seja, o seu “recado” era direto, deixando os seus objetivos explícitos para quem os lessem. No *Apele* publicado no dia do lançamento do jornal *A Evolução*, de 1º de maio de 1934, encontramos o seguinte anúncio: “Prestigia-o! Pois será o teu defensor”<sup>7</sup>. Aqui, o texto faz referência à “Sessão Solene”, que foi realizada no dia do trabalhador, na mesma data do periódico *A Evolução* ter sido lançado, sendo ele reconhecido como uma folha operária, legítima representante dos trabalhadores rio-grandinos. Os *Apelos* caracterizam-se como um tipo de texto que pode ser encontrado nas demais edições do jornal, dirigidos aos trabalhadores para que auxiliassem na sua manutenção e demonstrando a sua importância frente à luta dos trabalhadores.

Os articulistas utilizavam este espaço do jornal para se referirem à entidade responsável pelo processo de editoração do jornal, a SUO, pois havia palavras reforçando a importância desta entidade. Na primeira edição da folha, em sua primeira página, localizamos o seguinte *Apele*:

---

<sup>7</sup>*A Evolução*, 1º de maio de 1934 (CDH-FURG).

Não tendo, como é natural, o nosso modesto semanário o apoio financeiro necessário à manutenção de um órgão de caráter genuinamente proletário, apelas para os nossos companheiros no sentido de aceitarem uma assinatura desta folha ou cooperar com qualquer importância [...].

A propaganda no nosso periódico se impõe como um dever a cumprir, pois que ele, é de todos os trabalhadores em geral (A *Evolução*, 1º/05/1934).

No texto, quando o articulista diz que o jornal “é de todos os trabalhadores”, quer dizer que ele pode estar formando a ideia de que a SUO, por congregar os trabalhadores da cidade, é concebida como a entidade máxima da classe operária na cidade do Rio Grande.

Os artigos escritos por seus colaboradores que eram *diversos* buscavam despertar os sentimentos de força, construir identidades ou antagonismos entre os trabalhadores, tentando orientar as atividades destes mesmos operários. Entre as colunas do jornal que também eram utilizadas para atingir estes objetivos, encontramos O *Bilhete*, espaço onde seu redator, apresentado como Severo, convocava semanalmente os trabalhadores para o fortalecimento do seu órgão de classe. Ademais, O *Bilhete* ressaltava críticas sobre temas que faziam parte do cotidiano dos operários naquele momento: valor abusivo dos alimentos, falta de cumprimento das leis sindicais pelos fiscais do trabalho, anúncio de algum movimento grevista no País, exploração patronal, valor do transporte urbano, combate ao integralismo, etc. Ou seja, constituía um espaço destinado pelo jornal com a finalidade de discutir temas apresentados como sendo de interesse para o conjunto da classe.

O jornal também atribui atenção para algumas datas festivas que faziam parte da vida do trabalhador, comemorações que dividiam espaço com a militância. O 1º de Maio era a festividade que, anualmente, se encontrava divulgada nas páginas do jornal A *Evolução*, tanto por representar o dia do trabalhador como, também, por ser a data de aniversário da SUO, referenciando assim, o universo da “cultura associativa”.

Sobre o 1º de Maio, a comemoração, em suas diversas faces, assumia um caráter ritualístico e as notas publicadas traziam uma série de informações acerca das atividades que seriam realizadas nesta data na cidade. As comemorações aconteciam tanto no interior da SUO como no espaço público. Por se tratar de um ato protagonizado por trabalhadores, de caráter político, era comum que

a festividade tivesse essa dimensão pública, identificando o lado voluntário de uma classe, a qual buscava ampliar o movimento. Sobre este ponto, ressaltamos que a produção e distribuição dos jornais, e a funcionalidade enquanto instrumento de conscientização, mobilização e orientação da classe trabalhadora e suas relações com o universo social, político, econômico e cultural desta classe, são os elementos que distinguem este tipo de imprensa de outras.

Na década de 1930, em Rio Grande, surgiram algumas entidades de representação operária, as quais estiveram atuantes por pouco tempo no movimento sindical da cidade. Com exceção da Frente Sindicalista, que congregou uma quantidade considerável de sindicatos, mas que também acabou tendo as suas atividades interrompidas, as demais organizações foram extintas logo após a sua fundação. Não obstante, entre estas, a SUO continuou sendo a associação que esteve presente entre os trabalhadores, preservando-se enquanto uma entidade sindical de esquerda, mantendo-se de pé diante de várias mudanças na estrutura política do País e durante os momentos em que a repressão foi mais visível; sobretudo, durante a década de 1930.

Em termos de movimento sindical em Rio Grande, atestamos que os trabalhadores haviam amadurecido no processo de organização e construção da classe. Nesta direção, o jornal contribuiu para este amadurecimento ao divulgar as diversas tentativas do movimento para implantar uma organização central na cidade. Ao mesmo tempo em que apoiava os setores mais próximos da classe trabalhadora – que eram os seus sindicatos, e buscando, ao mesmo tempo, melhorias na qualidade de vida e de trabalho para a classe. Isto a partir do seu olhar acerca das principais reivindicações dos trabalhadores rio-grandinos, durante os anos de 1934 a 1937, período em que o *A Evolução* esteve atuante na cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, trabalhamos com um elemento local; porém, sem deixar de observá-lo dentro das condições de dominação política implementadas durante a década de 1930 no País. Elemento local, pois está situado em uma das principais regiões do Estado gaúcho a contar com um sistema de organização da classe trabalhadora. Dessa forma, com o foco de análise na atuação de um jornal operário da cidade do Rio Grande, *A Evolução*, objetivamos

identificar as influências do meio político e social em que se encontravam os trabalhadores, o que se verificou no local. Ficando evidente também a relação entre os trabalhadores rio-grandinos e a formação da classe operária em âmbito estadual e nacional, contudo, com a manutenção de algumas características locais.

Neste texto, não nos preocupamos apresentar uma análise acerca das condições de vida dos trabalhadores. Mas, nos preocupamos em observar a forma com que o jornal *A Evolução* atuava enquanto representante dos interesses da classe operária da cidade do Rio Grande. Neste processo, verificamos que o jornal se esforçava para manter uma unidade entre a classe trabalhadora, a fim de conseguir melhorias nas condições de trabalho e de vida dos operários, principalmente, ao salientar a importância da filiação dos operários às suas entidades representativas: SUO ou FSRG. Para tanto, o periódico utilizava-se de discursos que valorizavam a organização dos trabalhadores em associações sindicais.

Por fim, verificamos em Rio Grande, quanto à presença do jornal na cidade e a sua atuação como representante da classe trabalhadora no local, mesmo em um período marcado pela ação repressiva, que ele se manteve em circulação. Assim, o periódico demonstrava organização, a qual era cobrada aos trabalhadores da cidade. Houve momentos de refluxo das lutas populares, o que se refletiu na atuação do jornal com uma interrupção, em 1936, tendo as suas atividades suspensas pela censura e, posteriormente, em 1937, pelo mesmo motivo; entretanto, em linhas gerais, posicionou-se de modo atuante na defesa dos interesses da classe trabalhadora, conforme abordamos no presente texto.

## **FONTES**

Centro de Documentação Histórica “Prof. Hugo Alberto Pereira Neves”(CDH/FURG): Livro Ata do Conselho Deliberativo da Sociedade União Operária, 1936 – Rio Grande e Livro Ata da Assembleia Geral da Sociedade União Operária, 1929-1959 - Rio Grande.

## **JORNAIS PESQUISADOS NA HEMEROTECA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

*A Evolução*, de 01 de maio de 1934 a 23 de dezembro de 1934.

*A Evolução*, de 13 de janeiro de 1935 a 22 de dezembro de 1935.



*A Evolução*, de 05 de janeiro de 1936 a 09 de agosto de 1936.

*A Evolução*, de 13 de dezembro de 1936 a 27 de dezembro de 1936.

*A Evolução*, de 05 de janeiro de 1937 a 07 de fevereiro de 1937.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, Cláudio H. SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: São Paulo: Edunicamp, 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: organização e mobilização em Pelotas, 1888-1937*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

SANTOS, José Antonio dos. *Prisioneiros da História*. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. 2011. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Novas questões de teoria e metodologia da história e historiografia*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. "A árvore da liberdade". Vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. "A maldição de Adão". Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. "A força dos trabalhadores". Vol. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em 06/09/2019

Aprovado em 12/11/2019

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
editora@furg.br